



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA: LEITURAS E POSSIBILIDADES

Cecilia Soares da Silveira Coelho de Souza

Rio de Janeiro  
2019

CECILIA SOARES DA SILVEIRA COELHO DE SOUZA

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA : LEITURAS E POSSIBILIDADES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português-Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Gumercinda Nascimento Gonda

RIO DE JANEIRO

2019

Souza, Cecília Soares da Silveira Coelho de  
“O conto da ilha desconhecida”: Leituras e  
possibilidades/ Cecília Soares da Silveira Coelho de  
Souza–2019

Orientadora: Gumercinda Nascimento Gonda  
Monografia (graduação em Letras habilitação Português  
Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Federal  
do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de  
Letras .  
Bibliografia f

1. Saramago. 2. O conto da Ilha Desconhecida. I. Souza/  
Cecília Soares da Silveira Coelho de. II Universidade  
Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2019. III.  
Título.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, à força que me move, a força do Criador, que é também a dos meus sonhos!

Também agradeço ao meu companheiro de vida, Raphael Coelho, que desde o início até o fim dessa caminhada esteve ao meu lado incondicionalmente!

Agradeço ao meu pai, que mesmo não estando mais fisicamente entre nós, deixou seu legado e fez com que sua memória estivesse sempre presente em meus pensamentos, dando-me fôlego para seguir em frente!

Aos meus avós maternos, por terem sido grandes apoiadores e incentivadores!

Aos amigos que fiz e cultivei durante meus anos de curso, sem eles, os dias, as provas, trabalhos e almoços não teriam graça.

Agradeço aos professores que concederam-me lições inesquecíveis! E agradeço, de modo especial, à professora Gumercinda Gonda, orientadora deste trabalho. Suas aulas, sua humanidade, carinho e experiência de leitura ensinaram-me muito e marcaram minha existência.

## **Resumo**

O presente trabalho tem como objetivo tecer reflexões e considerações sobre *O conto da Ilha Desconhecida* de José Saramago. Numa viagem literária, mas também, existencial, perpassa por nuances que o texto saramaguiano incita, como a histórica, a social, a feminina, a ideológica e a simbólica, ancoradas em alegorias, subjetividade e profundidade.

**Palavras-chave:** Saramago, Conto da Ilha Desconhecida, viagem.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO -----	7
2. MEANDROS DO ASPECTO HISTÓRICO-SOCIAL -----	8
2.1. A inconformidade do homem -----	8
2.2. Resistir sempre -----	9
2.3. Portugal e a busca pelo desconhecido -----	10
3. O FEMININO OCUPANDO LUGAR DE DESTAQUE -----	13
3.1. A “mulher da limpeza” -----	13
3.2. Um sonho a dois: a companhia da mulher -----	15
4. DESVELAMENTO DA IDEOLOGIA: O SOCIAL E POLÍTICO -----	17
5. A ILHA E ALGUNS DE SEUS SIMBOLISMOS -----	18
5.1. Sonho dos personagens e lugar de escrita do autor -----	18
5.2 Viagem interminável -----	21
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	23
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	24

*“É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não saímos de nós.”*

José Saramago

O Conto da Ilha Desconhecida

## 1. Introdução

Este trabalho não se configura, de forma alguma, em definições, fórmulas ou análises engessadas sobre a obra, portanto, inicio esse exercício de leitura sugerindo que *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, é uma obra repleta de reflexões, críticas e alegorias.

Para um leitor, talvez, menos atento, o conto retrate apenas o desejo de um homem pelo desconhecido, sem pensar muito em qual (ais) lugar (es) tal anseio pode ocasionar. Todavia, uma ponderação mais pontual, não deixa de traçar um paralelo da estrutura aparentemente superficial do texto à nuances bem mais profundas dele.

É consenso entre leitores e críticos literários que a escrita de José Saramago é muito peculiar, com dimensões vastas e particulares nas produções. Além de obras com escrita e estilística singulares - ausência de separação e nomeação de capítulos, pontuação diferenciada com um grande repertório de vírgulas, entre outras; não se pode deixar passar despercebido o fato de seus textos trazerem à tona preocupações temáticas variadas e muito relevantes para a literatura, para a vida.

A obra sobre a qual estudaremos apresenta tessituras que permitem a exploração e o aprofundamento de inúmeros aspectos e, procurarei tocar de modo um pouco mais incisivo em alguns desses aspectos.

Este trabalho monográfico foi dividido em quatro partes com as suas respectivas subdivisões para assim adentrarmos neste entretempo de *O conto da ilha desconhecida*. Digo entretempo, pois o percurso de leitura e de vida é formado e carregado por “durantes” e interinidade.



## 2. Meandros do aspecto histórico-social

### 2.1 A inconformidade do homem

O texto protagonista deste estudo apresenta um curto enredo que, no decorrer da leitura, provocam ao interlocutor uma curiosidade, um desejo pelo destino que a narrativa tomará e uma viagem para dentro de si. Reflexões e questionamentos são inevitáveis.

A história inicia-se com um homem inominado que bate à porta das petições de um certo reino. Tal reino é dirigido por um rei indiferente ao seu povo. O homem quer muito realizar o que deseja: conseguir um barco. Para que seu querer seja realizado, o rei precisa concedê-lo, todavia, o homem, mesmo após bastante insistência não consegue ainda falar com o rei, pois este não costuma atender pessoalmente a ninguém que esteja de fora do castelo.

Nesse primeiro estágio da narrativa, é possível notar que a vontade e a necessidade do indivíduo encontram um empecilho no caminho - a figura inacessível do rei. Trazendo isso para uma perspectiva política e social, pode-se afirmar que o homem é oriundo de uma classe social desfavorecida e precisa do favor de quem está, na hierarquia social e política, léguas acima dele.

Logo no princípio do conto conseguimos enxergar posições desiguais de um sistema social metaforizadas pelas imagens de um monarca intangível e de um povo que não consegue se fazer ouvido e atendido. Um rei repleto de afazeres e sempre ocupado demais para dar voz às pessoas de seu reino e que delega funções para vários subalternos, burocratizando e dificultando mais ainda o acesso a ele.

“O suplicante dizia ao que vinha [...], depois instalava-se a um canto da porta, à espera de que o requerimento fizesse, de um em um, o caminho contrário até chegar ao rei. Ocupado como sempre estava com os obséquios, o rei demorava a resposta, e já não era pequeno o sinal de atenção ao bem-estar e felicidade de seu povo quando resolvia pedir um parecer fundamentado por escrito ao primeiro-secretário, o qual, escusado seria dizer, passa a encomenda ao segundo-secretário, este ao terceiro, sucessivamente, até chegar outra vez na mulher da limpeza, que despachava sim ou não, conforme estivesse a maré” (SARAMAGO, 1998, p. 01)

É possível perceber um povo vituperado e carente de condições mais justas. E o homem está inserido justamente nessa classe menos favorecida e injustiçada. No entanto, ele não se contenta com a sua situação, não desiste e persevera. Com uma atitude intrépida, insiste em falar com o rei.

Maquiavel, em seu livro *O Príncipe*, no capítulo XVIII sugere como deve ser o agir e a fala de um príncipe e, baseado nessa ideia, diz que quando alguma opinião (que é geralmente a concepção de um coletivo) é protegida pelo Estado, é muito difícil aparecer quem vá de encontro a ela: “[...]”

porque a todos cabe ver mas poucos são capazes de sentir. [...] e esses poucos não se atrevem a contrariar a opinião dos muitos que, aliás, estão protegidos pela majestade do Estado. (MAQUIAVEL, 2002, p. 103)

Fica claro que o autor está tratando nessas linhas acerca da percepção que os outros têm de um líder monarca, no entanto, podemos aplicar tal análise à situação do homem inominado, que aliás, nessa situação, é aquele que contraria uma concepção de sistema já estabelecido e insiste em ser ouvido, em ter seu pedido atendido.

Um sistema desigual, que prejudica uns e beneficia outros, é o que encontramos aqui. É notório que o homem inominado contraria sua posição social, vencendo medos que poderiam prejudicá-lo a enfrentar as barreiras já definidas antes dele. É como se ele utilizasse o próprio sistema a favor de si, enfrentando os entraves sociais e burocráticos e fazendo o que antes ninguém havia feito – conseguindo falar ao rei.

## **2.2 Resistir sempre**

Como vimos no subtítulo anterior, José Saramago coloca logo no início da narrativa uma situação de clara desigualdade social, e, partindo desse ponto, podemos começar a reflexão dessa etapa do trabalho afirmando que o escritor preocupa-se e muito com a questão sociocultural.

É praticamente consenso entre os estudiosos literários a visão de que o conjunto da obra do escritor traz consigo um discurso que contesta a opressão de classes. A escrita dele, assim, revela militância, fazendo da literatura uma maneira de resistência.

Ler o texto saramaguiano é sempre deparar-se com o confronto, com o outro lado dos fatos. Além de encontrarmos os conflitos internos, próprios de ser humano, também estão presentes os conflitos externos, sociais.

Antônio Candido (2000) enfatiza que na escrita do autor, o componente social pode ser enxergado como parte da estrutura da obra, da construção artística, mas, ainda acrescenta que a dimensão sociológica da obra do escritor não deve ser a única chave de leitura, afinal, seu texto traz possibilidades de análises críticas. O fator social ou sociocultural, desse modo, é um dos elementos-chave da obra, um viés de crítica e reflexão para os leitores.

Saramago não se utiliza de um homem sem nome que vai desafiar pessoalmente a figura do rei, inocentemente; tampouco coloca uma mulher “da limpeza” no centro da narrativa despretensiosamente. Inicialmente, muitas questões podem passar despercebidas, mas, ao lermos atentamente, observamos que a narrativa é mais profunda.

Estamos tratando aqui de quebra de padrões e regras sociais. De uma viagem de dentro para fora de si, que procura a liberdade individual, que faz a denúncia de regimes totalitários, e luta pelos direitos iguais entre os gêneros, os direitos iguais entre as camadas da sociedade.

É notório a mudança de atitude da mulher quando ela sai pela porta das decisões, por exemplo; ela toma uma decisão e segue o caminho que ela mesma escolheu. Já a crítica a regimes totalitários pode-se encontrar no próprio sistema político utilizado, a monarquia, e, na figura do rei, que está inacessível para seu povo dentro de um castelo, dificultando de todo o modo o contato entre ele e a população.

No tocante à procura pela igualdade de direitos, daremos mais destaque à personagem feminina, que, como será tratada mais a frente, faz sua escolha em deixar de ser mulher da limpeza e acompanhar o homem em sua viagem. E, se procurarmos bem, de igual modo, encontraremos a mesma busca na imagem do homem, afinal, sua insistência e persistência em falar com o rei e conseguir seu barco, denotam luta pelos sonhos, pela liberdade.

Candido (2000) também diz que não há como desvincular obra e autor, desse modo, os posicionamentos ideológicos de Saramago estão presentes na composição artística do texto. E, *O conto da ilha desconhecida* permite, através de uma reflexão sociológica, pensar na relação humanidade/sociedade e pensar no ser social.

### **2.3 Portugal e a busca pelo desconhecido**

É consenso entre historiadores que Portugal desempenhou um papel importantíssimo no que diz respeito às grandes navegações. Segundo Damião Antônio Peres (1959) há numerosos indícios e concretas referências documentais dos séculos XII e XIII que comprovam a presença de navegação portuguesa nas águas do Mar do Norte, da construção de navios e da constituição de frotas a serviço da Coroa.

Portugal carrega consigo desde há muito o desejo pelo desconhecido, o anseio de experimentar outros lugares, povos, culturas e sabores. A própria posição geográfica do país permitiu e estimulou as viagens e os feitos nas águas dos mares.

Entretanto, além da posição privilegiada debruçada sobre o Oceano Atlântico, o espírito de aventura português e a capacidade dos portugueses de adaptarem-se às mais difíceis situações no decorrer das viagens fizeram com que o país tivesse êxito em suas expedições.

Permeando pelo livro *A história dos descobrimentos portugueses* de Damião Peres, é possível encontrar reforço para a afirmação de que os portugueses foram pioneiros em suas expedições e gloriosos no que se propuseram a realizar.

“E foi assim, que, lançando-se decididamente, desde o segundo decênio do século XV à devassa do Atlântico, os navios de Portugal, tripulados pela gente portuguesa, iniciaram uma tarefa de larga expansão, depois seguida por outros povos, abrindo em águas até então não sulcadas os caminhos por onde se difundiu a civilização europeia, cristã, num conjunto de progressos econômicos, científicos e morais, e se estabeleceu no Mundo uma vivificante convivência de gentes até então mutuamente desconhecidas.” (PERES, 1959, p. 21-22)

É, no mínimo, contraditório e incoerente não admitir a valiosíssima colaboração das navegações portuguesas para o descobrimento do mundo moderno – novas terras, novos temperos, novas relações comerciais, novas interações culturais, entre outros. E também é oportuno afirmar que esse mesmo espírito de aventura e anseio pelo desconhecido é louvável.

Tais grandes feitos já citados sobrevivem vividamente na memória portuguesa fazendo com que o espírito devoto ao glorioso passado não dormite. Esse espírito saudosista faz com que o povo português esteja sempre preso ao decorrido. Não preso simplesmente pela lembrança e enaltecimento, mas preso a certas fantasias de que Deus ou algo superior vão honrar a nação novamente, afinal, Portugal é uma nação eleita para o seu povo.

No mesmo espírito saudosista encontramos o Sebastianismo, a lenda de um rei chamado Dom Sebastião que, em uma cruzada no norte da África acabou desaparecendo no deserto. No imaginário popular português Dom Sebastião vive e alguns acreditam que um dia voltará para salvar o povo de suas mazelas, o que traz à tona o messianismo português. Todavia, o messianismo proporciona assunto para outro trabalho monográfico, e portanto, não será tratado intimamente aqui.

Hans Magnus Enzensberger em *A outra Europa* descreve o relato de Almeida Faria acerca do quão forte a memória do passado é para a nação portuguesa e do quanto esse povo pensa ser escolhido e designado para algo especial -

“Você evidentemente não conhece os desígnios da providência divina quanto à Portugal. Sim, meu caro, nós somos os portadores de uma mensagem secreta e o povo destinado a alcançar um futuro Graal. Só que os outros povos ainda não sabem dessa novidade.” (ENZENSBERGER, 1988, p. 138)

Sobre o mesmo assunto, o romancista Almeida Faria ainda acrescenta:

“Nos anos 50, o movimento denominado com razão de ‘filosofia portuguesa’ tornou a lenda obscura da suposta missão de nosso país popular entre os intelectuais. Aliás, até hoje ela é popular. Não são poucos os intelectuais que se agarram à esperança de que alguém ainda vai nos

tirar da lama [...] Não importa saber quem é este messias, se é Salazar, Otelo ou a Virgem Maria. O fundamental é termos alguém em quem possamos acreditar.” (ENZENSBERGER, 1988, p. 138)

É coerente dizer que Saramago, como escritor português, em *O conto da ilha desconhecida* pode ter utilizado-se do anseio da procura pelo desconhecido português. Trazendo esse mesmo sentimento que permeia a memória de sua nação para o texto em questão – o sentimento audacioso de certa insatisfação com o conhecido e, por consequência, o querer experimentar o novo.

O que notamos na atitude destemida do homem que quer um barco é exatamente a insatisfação abordada no parágrafo anterior. Um descontentamento que o leva ao desejo e insistência em experimentar algo que ainda não foi vivenciado por ele.

Esse mesmo anseio que estamos observando habitar no homem esteve presente no Infante D. Henrique. Tal personagem está sendo tocado, mesmo que não profundamente, neste trabalho, porque segundo alguns historiadores portugueses, ele foi o primeiro dos dirigentes dos Descobrimentos Portugueses.

“[...] terceiro filho do glorioso rei D. João I, ao qual a posteridade deu o epíteto de *Navegador*, não porque largamente tivesse navegado, pois apenas consistiriam em modestas viagens a Marrocos os seus maiores percursos marítimos, ms por tradicionalmente se reconhecer que à sua decisiva acção se deveram o início e os primeiros êxitos da expansão ultramarina de Portugal.” (PERES, p. 23,1982)

Conforme Damião Peres, a partir da atitude de D. Henrique, esse anseio e paixão pelo novo foi sendo cada vez mais nutrido por alguns líderes que viriam posteriormente e pelo próprio povo. Supondo-se assim que ideias de expansão ampla começaram com o Infante, sendo a África e suas ilhas vizinhas o primeiro objetivo da expansão henriquina.

Então, a partir de D. Henrique podemos pensar numa Portugal ansiosa para conhecer e conquistar locais ainda não conhecidos. E isso perpetua-se na cultura e na identidade dessa nação. E, como não poderia ser diferente, na literatura isso é tratado de forma vívida e recorrente.

Portugal não só cultivou esse ardente desejo como também auxiliou na a expansão marítima de outros países. Peres inicia o último capítulo de seu livro afirmando que os portugueses ficaram a explorar os mares durante quase um século, e, por iniciativa própria. Mas, além disso, colaboraram no estudo e na execução de empresas marítimas de nações estrangeiras.

Assim, após perpassarmos por um pouco da história de Portugal no que diz respeito às Grandes Navegações, é possível entender melhor o sentimento de aventura que ficou bem fincado em sua cultura e literatura. E daí, compreende-se com mais clareza a presença desse fenômeno no livro de Saramago.

### 3. O feminino ocupando lugar de destaque

#### 3.1 A “mulher da limpeza”

Há que se destacar nesse estudo o que a mulher representa no conto. No primeiro parágrafo do texto a presença da mulher da limpeza é logo destacada, afinal, é ela quem fica imediatamente atrás da porta das petições da casa do rei, entreabrindo a porta e perguntando o que o pedinte deseja.

Segundo Pedro Fernandes de Oliveira Neto em seu texto “Acerca do Feminino em *O conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago”, quando voltamos os olhos para o universo fictício da narrativa saramaguiana, a mulher desempenha sua importância não apenas quantitativamente, mas também na representação de funções nos corpos de seus romances carregando a característica de ser simplesmente humana.

Como pode-se observar, a aceitação do pedido não é fácil, como já foi dito, precisa ser concedido por um rei praticamente inacessível que incumbe a tarefa de receber todos os pedidos a essa mulher, uma tarefa insignificante para o rei.

Então, a mulher da limpeza pergunta ao homem sobre o seu pedido, pelo que ele responde – “quero falar ao rei”. Após essa resposta, a mulher afirma que o rei está em outra porta, nas dos obséquios, e, por isso, não pode ir até ele. O homem então responde que não sairá dali até que o rei venha atender-lhe.

A atitude inusitada do homem causa transtorno na organização burocrática da regulamentação das portas da casa do rei, pois só podia ser atendido um suplicante de cada vez, e isso atrasou a vez de outros pedintes. Todavia, o homem não arredou o pé dali, e depois de três dias o rei teve de verificar o que aquele atrevido queria.

A mulher da limpeza, por sua vez, abre a porta para o rei, e ele, para o espanto e alvoroço de todos aparece pessoalmente do lado de fora de sua casa, algo que antes nunca havia acontecido. O rei então indignado pergunta ao homem o que ele quer e por que causou essa perturbação. Ele limita-se a responder: “Dá-me um barco”.

O rei, espantado e desconcertado, pergunta o motivo do pedido, ao que o homem responde – para buscar a ilha desconhecida. E, aos questionamentos do rei sobre tal pedido, o homem responde audaciosamente com outros questionamentos:

“Que queres dizer, perguntou o rei, inquieto, Que tu, sem eles, és nada, e que eles, sem ti, poderão sempre navegar, Às minhas ordens, com os meus pilotos e os meus marinheiros, Não te peço marinheiros nem piloto, só te peço um barco, E essa ilha desconhecida, se a encontrares, será para mim, A ti, rei, só te interessam as ilhas conhecidas, Também me interessam as

desconhecidas quando deixam de o ser, Talvez essa não se deixe conhecer, Então não te dou o barco, Darás.” (SARAMAGO, 1998, p. 18)

Os aspirantes a pedintes começaram a gritar em volta para que o rei desse o barco, depois a vizinhança da rua também juntou-se aos gritos. O rei, por sua vez, preocupado com a manifestação e com o alvoroço resolveu atender à súplica. Logo que o pedido foi concedido, o homem precisou ir para a doca com um cartão para dar ao capitão que lhe concederia o barco sem a tripulação.

No instante em que o homem vai entregar o cartão do rei ao capitão, a mulher da limpeza une-se a ele na procura pela ilha desconhecida. Ela, cansada de sua vida, do papel que exercia servindo ao rei, resolveu viajar com o homem e a busca que era de um homem agora também tornou-se na busca da mulher.

Podemos entender que tanto o homem quanto a mulher em sua procura anseiam o sentido de sua existência como sujeitos. E a mulher junta-se ao homem para reforçar e persistir no desejo pelo desconhecido. Itabirano Gomide (2001) tece uma importante consideração sobre o papel da mulher no texto que estamos analisando - “Ela é a força que move o homem, já que o seu desejo se confunde com o dele. Inicialmente como mulher da limpeza do palácio, depois como porteira da utopia do homem e agora como parceira numa viagem ao desconhecido”.

A mulher assim pode ser considerada elemento essencial para a viagem abordada na obra, uma vez que ela vem trazer dimensões que sem ela não existiriam no conto, como, por exemplo, a de unicidade e a de força mediadora entre o homem e o que ele deseja.

“A mulher da limpeza parece cumprir a missão de quebrar a ótica pós-moderna, do individualismo, do acúmulo de poder, das relações de manipulação dos sujeitos. Na cegueira branca que impossibilita ver no outro a si mesmo, a mulher da limpeza recobra a missão humana de unicidade, de divisão, de construir junto.” (NETO, 2009, p.6)

E, cumprindo esse papel essencial, podemos refletir sobre José Saramago ir na contramão de uma tradição patriarcal e machista, de um pensamento que inferioriza o feminino. É interessante pensar que a cultura portuguesa durante anos a fio coloca o homem numa posição bem mais evidente que a mulher.

Teresa Cerdeira no ensaio “José Saramago ou Do romance contra a ideologia” diz que na obra do escritor, na contramão da ideologia que reduziu a mulher a uma costela do macho, as figuras femininas ganham corpo, falam, orientam, seduzem. São donas de sua voz e seu corpo.

Não se pode nem se deve de forma nenhuma deixar que a presença ativa da mulher passe em branco ou despercebida em um texto como *O conto da ilha desconhecida*. Esse movimento realizado pelo autor, um movimento que cintila e engrandece o feminino, não só por sua beleza e

doçura, mas por sua força e poder, legitimam o histórico de luta pelos direitos da mulher. Nós mulheres temos lutado contra uma subserviência imposta a nós e é fantástico observar e refletir sobre como a literatura, por sua vez, vem burlando as subalternidades.

“Transformadas em objeto de uso, de trabalho e de prazer, às mulheres cabiam a passividade e a subserviência que, longe de se perderem num remoto século XVII, continuaram a modelar as relações dos seres em sociedade, de tal modo que essa força repressora das vontades se alastrou metaforicamente até o século XX. O 25 de abril de 1974 foi, em Portugal, uma viragem sem volta, e no que se refere ao espaço feminino, abriria a possibilidade política de a mulher vir a ocupar o espaço do desejo e da liberdade.” (CERDEIRA, 2007, p. 311)

Com a Revolução dos Cravos e a consequente conquista da democracia em Portugal, após 40 anos de regime ditatorial, há o concreto reconhecimento da mulher na sociedade portuguesa, de um lugar de liberdade e de estar no espaço que ela deseja. E é justamente nesse espaço feminino que Saramago insiste, mostrando ser esse um caminho possível.

E apresentando a nós essas possibilidades *do* e *no* feminino, o autor vai tecendo as camadas de sua narrativa, envolvendo o leitor e fazendo-o refletir sobre questões importantíssimas que permeiam a política e a sociedade.

### 3.2 Um sonho a dois: a companhia da mulher

Começaremos essa parte do trabalho pensando no fenômeno que provavelmente faz a viagem ser um sonho a dois. No momento em que o marinheiro vai receber o cartão enviado do rei pelo homem, pergunta-o o motivo dele querer um barco. E, sendo questionado outra vez sobre isso, o homem responde o mesmo que já havia respondido ao rei e, a resposta já sabemos.

O marinheiro naquela ocasião mostra o barco que concederá ao homem e é justamente o mesmo barco que a mulher tinha gostado. Quando o marinheiro aponta para o homem o seu barco, a mulher intromete-se avidamente na conversa dizendo aquele ser o barco dela, então, o marinheiro pergunta quem ela é, a mesma responde que é a mulher da limpeza. O marinheiro, por sua vez, a questiona interrogando o porquê de não estar no palácio do rei a limpar e abrir portas. Ela então responde:

“Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limperei barcos, Então estás decidida a ir comigo procurar a ilha desconhecida, Saí do palácio pela porta das decisões, Sendo assim, vai para a caravela, vê como está aquilo [...] Não queres vir comigo conhecer o teu barco por dentro, Tu disseste que era teu, Desculpa, foi só porque gostei dele, Gostar é a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar.”

(SARAMAGO,

1998,

p.

31-32).



No fragmento acima a mulher esclarece ao marinheiro e ao homem a sua decisão. Ela, por livre escolha, decide não mais trabalhar no palácio mas ligar-se ao homem num objetivo. É possível supor que o fenômeno que torna a busca não mais una e sim dual seja a escolha da mulher da limpeza em compartilhar do mesmo sonho que o homem. Optar por seguir viagem com o homem é aqui um ato de liberdade. Também é possível dizer que a saída pela porta das decisões legitima a conquista da mulher pela liberdade.

“A saída pela porta das decisões simbolicamente denota a liberdade feminina. Como quando no movimento das décadas de 1960 e 1970 as mulheres francesas saíam às ruas de sutiã em punho, a mulher da limpeza sai de vassoura e balde na mão, num ato simbólico que assevera a submissão feminina ao trabalho doméstico.” (NETO, 2009, p. 07)

O encontro dela com o homem e assim, por consequência, com novas perspectivas fez com que a mulher da limpeza enxergasse mais a frente, como também o homem enxergou. E a partir desse encontro foi que ela tomou a decisão de sair de seu lugar atual e ir em busca de novos lugares.

É interessante observar que está presente na atitude da mulher uma dimensão de transgressão. O homem transgredir por ter a iniciativa e a audácia de desejar e insistir em fazer algo que ninguém antes havia feito e a mulher é transgressora porque escolhe sair do papel social designado a ela e seguir seus anseios, procurando pela liberdade.

A liberdade feminina de escolha presente no texto mostra que a mulher é livre para também compartilhar desejos e sonhos. Sua atitude em querer viajar com o homem também legitima a procura dele, dando-o mais força para ir do conhecido ao desconhecido e quem sabe, achar o caminho para encontrar-se.

No instante em que o homem percebe que talvez não consiga arranjar a tripulação, ele esmorece pensando em falar ao rei e desistir, no entanto, a mulher estando ali com ele o deu forças:

“[...] se eu não conseguir arranjar tripulantes suficientes para a manobra, terei de ir dizer ao rei que já não a quero, Perdes o ânimo logo à primeira contrariedade, A primeira contrariedade foi estar à espera do rei três dias, e não desisti, Se não encontrares marinheiros que queiram vir, cá nos arranharemos os dois [...]” (SARAMAGO, 1998, p. 45)

A mulher vai paulatinamente ganhando lugar não só na narrativa do texto como também no anseio compartilhado pelos dois. Além de transgredir com sua escolha pela liberdade ela serve de alento à frustração que o homem encontra pela frente. Conforme Neto (2009), existe uma subida hierárquica da mulher, que cumpre o papel de servir de ânimo à frustração masculina nesse movimento filosófico que o homem dá em torno de si mesmo. Ratificando assim, a mulher cumpre papel valioso no texto em análise.

#### 4. Desvelamento da ideologia: o social e o político

Para Roland Barthes o escritor é aquele para quem a linguagem constitui um problema, é aquele que experimenta a densidade da linguagem e não simplesmente sua instrumentalidade ou a sua beleza. Assim Saramago faz com a linguagem, a problematiza, criando tessituras e possibilidades.

Teresa Cerdeira no mesmo ensaio já utilizado neste trabalho diz que a escrita do autor instala-se no espaço de desconstrução e de desvelamento da ideologia. “É em linguagem e na linguagem, que José Saramago manifestará seu desconforto e subverterá as formas explícitas e as formas caladas de poder” (CERDEIRA, 2007, p. 307)

*O conto da ilha desconhecida* está inserido na escrita colocada acima. Nota-se que há uma subversão das formas ditas e cridas como “normais”. A começar por um homem que numa atitude totalmente intrépida vai a um rei fazer um pedido espantosamente inusitado até chegar numa mulher que rompe com o papel que vinha cumprindo até então. São bons exemplos de subversão e problematização.

Continuando pelo mesmo viés, quanto à desconstrução, notamos que estão presentes na narrativa dois tipos. Uma é a desconstrução do que está no interior do indivíduo, e a outra configura-se na desconstrução do que está estabelecida socialmente. Como já dissemos em parágrafos anteriores, a mulher e o homem são transgressores, transgressores de suas próprias existências mas também transgressores de ideologias, de papéis sociais. Todavia, tais desconstruções não estão separadas mas interligadas, porque uma não o é sem a outra.

É como se Saramago olhasse para a vertente da história que não é contada ou para os papéis sociais que não são enxergados. Que são as personagens principais a não ser meros seres humanos com uma vida modesta e normal? Todavia, o escritor legitima suas existências, dando voz e liberdade a elas.

Adentrando um pouco mais no que temos refletido, é notório que esse desvelamento da ideologia está entrelaçado com a visão política do autor. Saramago era um escritor marxista politicamente engajado. Não há como negar que tal engajamento e compromisso político fazem parte de sua obra, e, com o conto aqui analisado não é diferente. Citando Cerdeira novamente:

“[...] porque a ideologia é sempre política. Em qualquer vertente que ela se situe, ela é o discurso da máscara, encobridora dos sentidos. [...] A literatura ocupa então, em meio ao discurso tortuoso e autoritário da ideologia, o saudável lugar de uma instituição fora do poder. [...] a literatura subverte no desvio, trapaceando o sentido com os vários sentidos

revolucionando em metáforas, contradizendo em oxímoros, escamoteando em elipses grávidas de sentido. (CERDEIRA, 2007, p. 314)

Temos então a literatura como ideologia. É por meio da literatura que o escritor toca em relações de poder, subverte significados, confronta a realidade, tece possibilidades. A literatura dribla o que é colocado como verdade permitindo que narrativas como a que estamos analisando façam seu espetáculo.

É trilhando pelo caminho do avesso que o homem, podemos chamá-lo aqui de aventureiro, e a mulher da limpeza, também destemida, permitem-se caminhar na narrativa. Enquanto as pessoas buscam serem reconhecidas e possuírem riquezas e glória, os protagonistas fazem outro trajeto, o caminho do sentido de ser e estar no mundo.

Notamos que além da ilha que é nomeada como desconhecida os personagens também são, pelo menos, a princípio, desconhecidos, afinal, não carregam nomes próprios consigo. No entanto, através disso, Saramago inverte, subverte e dissimula o “eu” de cada personagem, para que depois possa construir o verdadeiro sentido do motivo da existência deles e do que realmente importa para os dois.

O caminho trilhado então pelo texto é um caminho de desamararrar o homem e a mulher do próprio eu, das imposições sociais, das obrigações burocráticas e, talvez, da própria narrativa. Abrindo assim, oportunidades e mais caminhos de renovação.

## **5. A ilha e alguns de seus simbolismos**

### **5.1. Sonho dos personagens e lugar de escrita do autor**

Após a mulher da limpeza encorajar o homem e este, encontrando um refúgio em suas palavras, a noite foi caindo e o luar iluminando o rosto da mulher, nessa ocasião o homem a observa e pensa consigo mesmo que ela é realmente muito bela. Depois de rirem e conversarem juntos, um deles opina que é melhor irem dormir. O homem deseja bons sonhos a ela, todavia, ele é quem sonha a noite inteira.

Sonha que está em alto mar com sua tripulação e que tem mantimentos e coisas suficientes para habitar a sua ilha. Primeiro o homem não encontra a mulher, e, lembra-se que ela um pouco antes de começar a navegação decidiu não acompanhá-lo mais, porém, quando ele vai ceifar algumas

espigas pela seara já estar madura, percebe que há uma sombra ao seu lado, como se fosse uma figura que refletisse um tipo de completude, afinal, acorda abraçado a ela, “confundidos os corpos”.

Nos dois parágrafos escritos acima é possível notar a concretização do que trabalhamos no subtítulo anterior: a viagem, o sonho, a procura tornou-se também dual. E a partir disso introduziremos o subtítulo atual partindo primeiramente do significado literal e figurado de ilha – “extensão de terra cercada de água por todos os lados” e “objeto completamente isolado” - até algumas possíveis significações que o conto em questão permite tratar.

A obra *Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário* de Antônio Carlos Diegues trata o universo insular como símbolo polissêmico com vários conteúdos e significados que variam com a História e a sociedade.

Esse microcosmos insular há muito permeia o pensamento humano assim como faz parte de sua existência. Como Diegues afirma, as significações ligadas à palavra ilha são variadas e foram (e podem continuar) mudando no decorrer do tempo, de acordo com diferentes culturas e sociedades.

Partindo do fato de o povo português ter uma relação íntima com o Mar, visto o que sabemos e o que já foi tratado neste trabalho, Saramago ter ancorado-se nisso para abordar em seu texto o conceito insular torna-se uma interpretação muito possível e, partindo de tal interpretação, ele utiliza *ilha* como significado de lugar ideal, paraíso, utopia. Logo abaixo discorreremos mais sobre.

Na narrativa, em primeiro plano, na procura por um lugar ideal está o homem que sente uma inquietação dentro de si para tomar as atitudes que tomou, e em segundo plano, porém não menos importante, encontra-se a mulher da limpeza que também sente um despertar através da ação do homem.

O lugar ideal seria um lugar diferente do atual socialmente e existencialmente, diferente porque o atual não é o bastante, não satisfaz. E o autor mostra claramente o anseio por esse local por intermédio da mulher o do homem. Se partirmos do pressuposto que a inquietação está dentro de nós de forma inerente porque, na verdade, a harmonia total das coisas e dos seres não existe, consigamos, quem sabe, iniciar a compreensão do motivo pelo qual o homem, primeiramente, agiu como  
agiu.

É válido esclarecer que o termo “utopia” é utilizado aqui porque concordamos com Cioran em sua afirmação de que o ideal, na verdade, não é possível ser alcançado. Mas tal fato não deve ser motivo de estagnação na procura ou desespero existencial, e sim, incentivo para que a busca não termine.

“[...] mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes se não saís de ti, não chegas a saber quem és, O filósofo do rei [...] dizia que todo homem é uma ilha [...] é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós, Se não saímos de nós próprios [...]” (SARAMAGO, 1998, p. 41-42)

No fragmento acima podemos ter a confirmação de que a mulher da limpeza e o homem estão buscando o sentido da existência e o autoconhecimento. Desejam viajar para dentro mas também para fora de si, isto é, refletindo sobre sua individualidade enquanto ser mas também sobre seu papel social.

E sendo necessário voltar mais uma vez ao conceito de *ilha*, que afinal permitiu que construíssemos nossa possível interpretação, vale a pena pensar um pouco mais sobre o local da escrita que José Saramago utiliza para propiciar reflexões e questionamentos tão profundos. Se observarmos com perícia, o autor toma a liberdade de usar uma concepção do imaginário comum, criando novas nuances e sentidos para ela e tornado-a aberta e receptiva para outras possibilidades interpretativas.

“Utilizo, ainda, a literatura, pois parece ser aí que subsistem as imagens, os símbolos, e os mitos insulares, quando deixaram de fazer parte dos relatos vivenciados pelas sociedades que os criaram, e que, de uma forma ou outra, desapareceram.” (DIEGUES, 1998, p. 263)

Sim, é através da literatura e na literatura que Saramago constrói esse lugar com suas tessituras e significações. Da existência vem a subsistência, a persistência, e, é na literatura que as imagens, símbolos e conceitos persistem. Por isso o local de escrita do autor, a literatura, permite que ele ressignifique arquétipos e conceitos.

## 5.2 Viagem interminável

Dando prosseguimento a reflexão sobre o lugar de escrita da literatura que nos proporciona possibilidades, ousou a dizer que infinitas, começamos a última etapa do desenvolvimento deste trabalho que é também em si uma viagem.

Os conceitos de ilha e mares são comumente utilizados na literatura, como já dissemos anteriormente. O mar representando muitas vezes um universo eterno a ser explorado pelo homem e a ilha, por sua vez, refletindo, dentre muitas outras coisas, seja a solidão ou a necessidade das interações sociais. Sobre o conceito de ilha, Walmir Lacerda Gois discorre sobre a característica paradoxal intrínseca da mesma:

“A ilha é um espaço paradoxal por excelência, no qual certas dualidades conflitivas podem ser constatadas, como interior e exterior, terra e água, aberto e fechado. Esses pares de contrários engendram dialéticas que produzem significados e movimentos que tornam esse espaço particular e pleno de possibilidades e representações artísticas.” (GOIS, 2016, p. 23)

Após refletirmos um pouco mais sobre o conceito de ilha podemos partir para o conceito e o sentido de procura retratada aqui. É inegável que no percurso do texto uma constante busca por alguma coisa está presente. Essa busca é aliada primeiramente às navegações, como já foi escrito nesse trabalho, no entanto, ao dar continuidade a leitura observamos a busca existencial, o querer alcançar quem realmente somos.

Emile Cioran (1994) discorre que nada compara-se ao mal que provém da incapacidade de nos ajustarmos ao eterno presente. Podemos entender a afirmação do autor como a frustração constante do ser e sua busca infundável por um ajustamento ou alinhamento do indivíduo em seu próprio eu e no mundo.

É possível dizer que Saramago nesse conto trata e muito bem dessa aflição e vazio existencial, desse mal-estar no eterno presente e, conseqüentemente, da procura por, nem que seja, uma fagulha de “bem-estar” nesse eterno.

Mais uma vez citando Cioran (1994), conseguimos apoio para a ideia da necessidade da busca a fim de nos encontrarmos e sabermos quem realmente somos. Segundo o ensaísta, a resolução para nossos males está em nós mesmos e nesse interminável exercício de procura - “O remédio para nossos males é em nós mesmos que devemos buscá-lo, no princípio intemporal de nossa natureza.” (CIORAN, p.141, 1994).

No texto saramaguiano em estudo, os personagens estão determinados a buscar a ilha desconhecida, estão dispostos a procurá-la, apesar da insistência dos outros em dizer que já não haviam mais ilhas por conhecer.

É possível afirmar também que o autor faz o mesmo exercício de busca na construção da narrativa, criando espaços e tecendo caminhos para ela. Um exemplo é o barco “Ilha Desconhecida”, já que, segundo Gois (2016) o próprio barco configura-se num espaço novo criado pelo homem e pela mulher. Então, a construção de um novo espaço que acontece com o homem e a mulher também acontece na narrativa do texto.

José Saramago capta com maestria as tendências e transformações do pensamento do homem e da sociedade contemporâneos, engendrando dessa forma escrita, narrativa e personagens e relacionando-as com reflexões e questionamentos vitais à atualidade.

## Considerações Finais

Escrever este trabalho foi uma experiência que me trouxe muito deleite, mas, ao mesmo tempo, trouxe entraves e frustrações. Não posso dizer que foi fácil, uma vez que José Saramago é um autor dinâmico, profundo e versátil. Sua leitura tece dimensões variadas e complexas, sendo necessário sempre ler e reler.

A partir da leitura de *O conto da ilha desconhecida* senti-me compelida a colocar no papel as variadas impressões que esse texto me causou. Tive meu primeiro contato com ele ainda na metade de minha graduação e ao relê-lo muitas e muitas vezes, experienciei sempre adentrar em novas tessituras. Procurei ater-me aos mais notórios e importantes elementos, embasando-me em estudiosos da crítica literária.

Assim, é importante salientar que o projeto saramaguiano que me propus a destrinchar trabalha o indivíduo na relação com o outro, com o mundo e com si próprio. Notamos destaque na atitude do sujeito sobre a sociedade e suas possíveis reverberações. Também, não menos relevante, está presente na narrativa uma busca incansável pelo sentido da vida e pelo próprio sentido em ser humano.

Dessa forma, o texto que concluo aqui, também procura ser uma viagem dentro de si mesmo. Dispõe algumas leituras proporcionadas pelo texto de Saramago em destaque, mostrando que a literatura tem o poder de burlar impressões, desvelar sentidos e criar possibilidades.



## Referências Bibliográficas

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, Publifolha, 2000.
- CIORAN, Emil. *História e Utopia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DIEGUES, Antonio Carlos. *Ilhas e Mares: Simbolismo e Imaginário*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- ENZENSBERGER, Magnus. *A outra Europa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GOIS, Walmir Lacerda. “A ilha de Lanzarote e o imaginário insular: *O conto da Ilha Desconhecida* de José Saramago.” Brasília – DF: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2016.
- GOMIDE, Maria de F. Itabirano. “Seja razoável, exija o impossível”: o sonho da ilha desconhecida. In: DUARTE, Lélia P; OLIVEIRA, Paulo Motta; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessôa (orgs.). Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa. Vol. 1 FALE/UFMG e PUC-MG. Belo Horizonte, 2001.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- MEDEIROS, Paulo de; ORNELAS, José N. *Da Possibilidade do Impossível: Leituras de Saramago*. Universidade de Utrecht, 2007.
- NETO, Pedro Fernandes de Oliveira. “Acerca do Feminino em *O conto da Ilha Desconhecida*, de José Saramago.” Porto Alegre: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas – Vol. 05 N. 01 – jan/jun 2009.
- PERES, Damião Antônio. *História dos Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Vertente, 1959.
- SARAMAGO, José. *O conto da Ilha Desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. *José Saramago Entre a História e a Ficção: Uma Saga de Portugueses*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.